

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 12
Número 1
Junho 2023

A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA: REFLEXÃO SOBRE A PREGAÇÃO NAS IGREJAS EVANGÉLICAS NA PÓS-MODERNIDADE

The interpretation of the Bible: reflection on preaching in evangelical churches in post-modernity

Me. Rafael Blume Pereira de Almeida¹

RESUMO

O presente artigo trata da influência do pensamento pós-moderno na interpretação da Bíblia, recortando a investigação sobre a pregação nas igrejas evangélicas em tempos líquidos. Discute sobre o desafio da igreja em proclamar as Escrituras como Palavra de Deus, em uma época em que se “usa” textos como recurso e escritos em instrumentos para propósitos e interesses pessoais. Para isso, discute a tarefa do pregador com base na pregação expositiva; reflete sobre o sentido do texto bíblico em sua especificidade de ser a ‘Palavra de Deus’ em sua autoria; produz uma reflexão sobre o ato de ler também na igreja sob o discurso pós-moderno; apresenta autores como Derrida, Ricoeur e Fish como hermenutas pós-modernos e discute além dos riscos de produzir os sentidos do texto para os propósitos do pregador, desvirtua o papel das escrituras como verdade divina. A pergunta que se pretende responder neste artigo é a seguinte: sob quais riscos a pregação evangélica da “igreja deste tempo” atravessa, na medida em que invertem o lugar da Bíblia, construindo sentidos que atendam a seus propósitos pessoais?

Palavras-Chave: Hermenêutica. Bíblia. Pregação. Pós-Modernidade.

ABSTRACT

This article deals with the influence of postmodern thinking on the interpretation of the Bible, cutting out the investigation of preaching in evangelical

¹ Rafael Blume P. de Almeida é pós-graduado em Pregação Expositiva pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro, em parceria com o Southwestern Baptist Theological Seminary, e mestre em Teologia Pastoral na Faculdade Batista do Paraná, na linha de pesquisa Leitura e Ensino da Bíblia, sob a orientação da Professora Dr^a Marivete Zanoni Kunz. E-mail: rafaelblume@gmail.com

churches in liquid times. Discuss the challenge of the church to proclaim the Scriptures as the Word of God, at a time when texts are used as a resource and written on instruments for personal purposes and interests. For this purpose, the article discusses the preacher's task based on expository preaching; reflects on the meaning of the biblical text as the 'Word of God' in its authorship; produces a reflection on the act of reading also in the church under the post-modern discourse; it presents authors such as Derrida, Ricoeur and Fish as postmodern hermeneuts and discusses beyond the risks of producing the meanings of the text for the purposes of the preacher, distorts the role of the scriptures as divine truth. The question that we intend to answer in this article is the following: under what risks does the evangelical preaching of the "church of this time" cross, insofar as they invert the place of the Bible, constructing meanings that meet their personal purposes?

Keywords: Hermeneutics. Bible. Preaching. Post-Modernity.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a refletir sobre a **pregação nas igrejas evangélicas na Pós-Modernidade**. Em um período chamado pós-moderno, a sociedade tem desenvolvido uma nova maneira de pensar a vida. Neste tempo, rejeita-se o conceito de absoluto, de verdade. A ideia do relativo influencia as mais diversas áreas da sociedade. Neste artigo, produz-se uma reflexão sobre o trato com a verdade na pregação das Escrituras nas igrejas evangélicas. Perguntamos como os pastores e pregadores têm enfrentado o desafio de proclamar a Bíblia como uma verdade divina em uma sociedade que não crê em verdades absolutas. Queremos saber se a ideologia própria deste tempo tem alterado a finalidade das pregações.

Para isso, serão levadas em consideração as ideias dos hermeneutas pós-modernos Derrida; Fish e Ricoeur, postas aqui como ponto de referência de uma interpretação compatível com os fundamentos da pós-modernidade e a ideologia pós-moderna expressa pelo conceito de liquidez dos tempos em Bauman. Essa escolha se deu não por uma filiação teórica, mas porque suas teorias refletem o pensamento pós-moderno. A referida fundamentação servirá de iluminação para discutir a tarefa do pregador na sua missão de proclamar a Bíblia como verdade divina. Nesse sentido, seria possível interpretar e proclamar a verdade divina segundo os sentimentos próprios destes tempos pós-modernos?

1. INTERFERÊNCIAS DA HERMENÊUTICA PÓS-MODERNA NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

O pensamento pós-moderno tem exercido grande influência na interpretação bíblica, produzindo um desafio para a pregação expositiva na atualidade, fazendo-se necessário desenvolver uma investigação sobre a pregação nas igrejas cristãs em tempos líquidos². Faz-se necessário discutir sobre o desafio da igreja em proclamar as Escrituras como Palavra de Deus, em uma época em que se "usam" textos como recurso e instrumentos para propósitos e interesses pessoais. Para isso, faz-se necessário discutir a tarefa do pregador com base na pregação expositiva e refletir sobre o sentido do texto bíblico em sua especificidade de ser a 'Palavra de Deus' em sua autoria, produzindo uma reflexão sobre o ato de ler também na igreja, sob o discurso³ pós-moderno.

² Trata-se da "[...] condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam" (BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 7).

³ Conceito tal como elaborado por Pêcheux, por meio do qual é possível analisar, em um dizer, as marcas externas da história, tendo em vista que, segundo essa teoria, tudo o que se diz é sustentado por condições de produção historicamente determinadas, apreendidas pela regularidade de alguma escolha linguística entre dizeres. Por meio desse conceito, é possível analisar a historicidade dos sentidos

Hermeneutas pós-modernos como Derrida (2002), Fish (1992) e Ricoeur (2000), como será visto a seguir, têm interferido na interpretação de textos da atualidade, expondo a possibilidade de adequar o texto à interpretação própria do temperamento pós-moderno. Isto pode se tornar um risco à exposição bíblica atual, ao influenciar os pregadores da atualidade a produzirem os sentidos do texto para suprirem os seus próprios interesses, desvirtuando o papel das Escrituras como verdade divina. A pergunta que se pretende responder neste sentido é a seguinte: quais riscos a pregação evangélica da “igreja deste tempo” atravessa, na medida em que a hermenêutica pós-moderna inverte o lugar da Bíblia, construindo sentidos que atendam a seus propósitos pessoais?

Para Vanhoozer, sobre a possibilidade de “[...] a Bíblia ter perdido sua voz,” é necessário refletir sobre as questões hermenêuticas que envolvem a pregação nas igrejas evangélicas na Pós-Modernidade.⁴ Em um período chamado Pós-Moderno, a sociedade tem desenvolvido uma nova maneira de pensar a vida. Neste tempo, rejeita-se o conceito de absoluto, de verdade. A ideia do relativo influencia as mais diversas áreas da sociedade. Produz-se uma reflexão sobre o trato com a verdade na pregação das Escrituras nas igrejas evangélicas. Questiona-se o modo como os pastores e pregadores têm enfrentado o desafio de proclamar a Bíblia como uma verdade divina em uma sociedade que não crê em verdades absolutas. Interroga-se sobre o fato de a ideologia própria deste tempo ter alterado a finalidade das pregações e sobre os riscos da pregação evangélica na “igreja deste tempo”, na medida em que invertem o lugar da Bíblia, construindo sentidos que atendam a seus propósitos pessoais, possibilidade que existe, porque “[...] o leitor pós-moderno despertou do sonho do significado estável”.⁵

Nesta seção, serão discutidas as ideias dos hermeneutas pós-modernos Derrida (2002); Fish (1992) e Paul Ricoeur (2000), postas aqui como ponto de referência de uma interpretação compatível com os fundamentos da pós-modernidade e a ideologia pós-moderna expressa pelo conceito de liquidez dos tempos, a partir da concepção de Bauman (2007).⁶ Essa escolha se deu por se considerar imprescindível discutir o discurso pós-moderno, já que as pessoas da atualidade, inclusive pastores e pregadores, fazem parte da convivência neste período instável, líquido e movediço.

A referida fundamentação servirá de iluminação para discutir a tarefa do pregador na sua missão de proclamar a Bíblia como verdade divina, confrontando com a instabilidade ideológica desfavorável para interpretar e proclamar a verdade divina, segundo os sentimentos próprios destes tempos pós-modernos, sob o princípio da fidelidade ao Autor Divino.

2. HERMENÊUTICA, PÓS-MODERNIDADE E RELATIVISMO

Fazendo referência ao tempo atual já denominado pós-modernidade, Eagleton o apresenta como uma linha de pensamento marcada historicamente por um sentimento relativista, instantâneo, momentâneo, pragmático, num mundo tecnológico de mensagens prontas e semi-prontas, diluição de fronteiras entre classes sociais, gênero, valores, desejos, etnias, culturas. Considera que seja muito difícil estabelecer uma linha rígida de atitude quando a mentalidade do mundo impele a viver de forma relativizada.⁷

O sentimento de uma época [modernidade contemporânea] que Bauman chama de líquida, leve, difusa, capilar, contra uma modernidade pesada e sistêmica, a pós-modernidade é, em essência, uma questão hermenêutica. É reflexo do ceticismo moderno ampliado pelo fracasso da proposta iluminista.

de um texto. O emprego desse termo aqui elucidado não está implicado entre os conceitos essenciais que orientam as reflexões desta pesquisa (PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Francisco; HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 161-162).

⁴ VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto?** Interpretação Bíblica: os enfoques contemporâneos. Tradução de Álvaro Hattner. São Paulo: Vida, 2005, p. 106.

⁵ VANHOOZER, 2005, p. 110.

⁶ BAUMAN, 2007, p. 7.

⁷ EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 7.

Agora, o ceticismo se volta contra o próprio positivismo, desfazendo a possibilidade de acesso à verdade.⁸ Para Bauman, “[...] a verdade que torna os homens livres é, na maioria dos casos, a verdade que os homens preferem não ouvir”.⁹ Ora, a ideia de liquidez na pós-modernidade afeta a consistência da verdade.

Pensa-se que esse sentimento de um mundo de verdades relativas e mutáveis invadem teorias hermenêuticas. Citam-se nesta pesquisa ideias dos teóricos de filiação hermenêutica pós-moderna, propõem uma guinada no método de interpretação. Suas reflexões são mais sobre ‘o que’ é entender do que ‘como’ entender um texto. Para estes pensadores o texto não tem um significado em si mesmo, uma vez que não é possível realmente realizar a ‘utopia’ hermenêutica moderna, de ir à mente do autor, em busca de sua intenção original para o texto. Para os pensadores pós-modernos, o autor deve morrer. O processo de interpretação deve ser norteado pela interação entre o texto e o leitor. O paradigma do significado se desloca do contexto do autor para o contexto do leitor. O leitor faz sua leitura a partir de seu contexto social, sua experiência, suas outras leituras e seus próprios interesses. Vanhoozer questiona a interpretação bíblica hoje por meio da crítica aos hermenêutas pós-modernos, para quem, de modo geral, não há leitura desinteressada. Assim a sugestão desses novos pensadores da interpretação propõe que não haja mais uma interpretação certa, mas cada interpretação é possível através de seu contexto e preferências. A nova hermenêutica propõe a morte do autor e a libertação do leitor.¹⁰

Derrida, em seus argumentos, defende que não há verdade. A verdade é um constructo da humanidade e da história.

Para designar esta produção, seria algum tanto ingênuo referir-nos a um acontecimento, a uma doutrina, ou ao nome de um autor. Esta produção pertence certamente à totalidade de uma época, que é a nossa, mas ela já começou há muito a anunciar-se e a trabalhar.¹¹

No desenvolvimento de seu pensamento, Derrida defende que a Filosofia, como busca pela verdade através da reflexão, é um engano. Para Derrida a Filosofia construiu, criou uma verdade para cada época. Sendo assim, a filosofia não é um caminho de descoberta, mas de criatividade. Para Derrida, o processo de desconstrução precisa “[...] abandonar a referência a um centro, a um sujeito, a uma referência privilegiada, a uma origem ou a uma anarquia absoluta”.¹²

Desenvolvendo este pensamento, percebe-se que Derrida propõe uma desconstrução que revele que o que se chama de verdade ou significado correto é um instrumento usado na história para dominação e controle, seja por parte dos filósofos, dos sacerdotes ou dos autores. A intenção oculta da verdade está na busca por poder. Então a hermenêutica de Derrida seria uma proposta de denúncia e libertação de um instrumento de controle, ou seja, de uma suposta verdade absoluta ou significado definido. Desconstruir é libertar o “natural” do “cultural”.¹³

Derrida é um realista hermenêutico. Para o realista, a realidade não corresponde aos pensamentos assim como a linguagem não corresponde a significados estáveis. A questão do significado é interna à linguagem e não externa.¹⁴ A estrutura binária do estruturalismo, decorrente da Filosofia constituída por uma lógica binária, é reducionista para ele. Aqueles que creem nestas verdades serão classificados como “ingênuos”. Para os “realistas” os pensamentos e a linguagem não correspondem à realidade uma vez que sempre são interpretações e pontos de vistas. A realidade está além e independe dos pensamentos. Não existe um ponto de vista absoluto da realidade, assim como, para eles, não existe

⁸ BAUMAN, 2007, p. 33.

⁹ BAUMAN, 2007, p. 26.

¹⁰ VANHOOZER, 2005, p. 14.

¹¹ DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz M. N. da Silva. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 232.

¹² DERRIDA, 2002, p. 240.

¹³ DERRIDA, 2002, p. 283.

¹⁴ DERRIDA, 2002, p. 281.

uma versão oficial da realidade. Sendo assim, não existe significado para o “realista hermenêutico”, visto que a lacuna do pensamento com a realidade separou definitivamente o texto do autor.

Interpretando, o referido autor não é consciente. O autor não é o criador, mas apenas um escravo a serviço do contexto, de forças políticas e leituras anteriores que inconscientemente o governam. Um texto nunca é novo, é apenas fruto de outras leituras, é repetição. A leitura de um texto não revela a mente do autor, antes, revela seu tempo, sua cultura e as influências que guiaram seus pensamentos. O autor não tem domínio de suas ideias e nem é sujeito de suas ações, apenas uma projeção de seu contexto. Derrida não nega a intenção do autor e sua importância, apenas o tira da prioridade, vê a intenção do autor como uma falácia visto que o autor nem é autoconsciente de seus pensamentos, uma vez que nem o próprio autor controla o seu texto.¹⁵

Na concepção e forma de interpretação realista, o autor está morto por isso o leitor pode interpretar. A interpretação do texto está centrada no leitor e não mais no autor. Não está na relação do autor com o texto, mas na interação do texto com o leitor. Uma produção em conjunto entre escrita e experiência. O leitor está livre, descentrado da tirania do autor e das intenções ocultas dominadoras de um texto. O leitor agora é o artista, produzindo significado.

Para Vanhoozer, o pensamento pós-moderno é manifestação de incredulidade e ceticismo. Ao pensar a interpretação bíblica a partir dessas premissas indefinidoras, ele acredita que os pós-modernos, desfazem utopias e produzem enganos históricos sobre dominação e preconceito, de forma tirânica.¹⁶

Fish, por exemplo, pelo neopragmatismo, por sua vez, defende que não há significado no texto, não existe nada ‘lá’. Diferente dos desfazedores que viam intenções dominadoras no texto, os pragmáticos acreditam não haver “nada” no texto. O texto depende de um leitor. Acredita que a interpretação é a origem do texto.¹⁷ Vanhoozer critica o fato de a essência do significado não se estabelecer no texto em si, mas na experiência do leitor.¹⁸

Inferindo: a preocupação dos pragmatistas não está em ir em busca do sentido único do texto, mas em ‘usar’ o texto conforme o interesse do leitor. Mais uma vez, para os pragmatistas não existe leitura desinteressada. Porém, em vez de se preocupar com os interesses ocultos do autor, os pragmatistas entregam o sentido do texto aos interesses do leitor. Mais uma vez a crítica de Vanhoozer se insurge sobre isto: o fato de o texto ser tratado como ferramenta usada pelos leitores para suas mais variadas finalidades.¹⁹

Para os pragmatistas, a exemplo de Fish, usar o texto é interpretar. Cada uso, cada interesse, cada propósito produz um significado ao texto. Não existe um significado absoluto ou acertado, não adianta ir em busca de um significado pretendido, não interessa os pensamentos do autor. Uma vez que a linguagem não corresponde à realidade, mata-se o autor e liberta-se o leitor. Para usar o texto conforme a ‘sua’ realidade diz que “[...] dá agora ao leitor uma responsabilidade conjunta pela produção do significado, redefinido ele mesmo como um evento [= dimensão temporal] mais do que como entidade [dimensão espacial]”.²⁰

Mas Fish não deixa a ponta da interpretação solta, entregue somente ao indivíduo. Ele defende que o interesse a ser usado para a interpretação não é o do indivíduo, mas o da comunidade interpretativa a que ele pertence. O leitor individual não é totalmente livre para interpretar. Ele está sujeito às normas interpretativas de sua comunidade. Ele interpreta a partir de valores culturais que acolhem para um sujeito um modo de interpretar próprio de uma coletividade, porque não há significado imposto

¹⁵ DERRIDA, 2002, p. 281.

¹⁶ VANHOOZER, 2005, p. 30.

¹⁷ FISH, S. Is there a text in this class. Traduzido por Rafael Eugênio Hoyos-Anrade. **Revista Alfa**, v. 36, 1992, p. 189-206.

¹⁸ VANHOOZER, 2005, p. 30.

¹⁹ VANHOOZER, 2005, p. 131.

²⁰ FISH, 1992, p. 191.

[...] sobre um significado mais normal, por um ato interpretativo particular e idiossincrático; as interpretações se dão “em função das normas públicas e constitutivas (de linguagem e compreensão)” (...) essas normas não estão inseridas na língua, (...) mas são inerentes a uma estrutura institucional.²¹

Ricoeur, por sua vez, não advoga pela falta de sentido ou significado, antes ele vê um excesso de significado nos signos que impede a interpretação precisa ou fixa de um texto. Por isso, ele interpreta textos como discursos escritos, porém seu sentido vai além do que está escrito objetivamente. O excedente do texto faz com que o texto fale em outros tempos com profunda significância.²² A crítica de Vanhoozer a Ricoeur está ligada ao fato de considerar o significado do texto não coincidindo mais com aquilo que o autor queria dizer. O texto passa a ser independente do autor.²³

A inscrição torna-se sinônimo de autonomia semântica do texto, que resulta da desconexão da intenção mental do autor relativamente ao significado verbal do texto. Em relação ao que o autor quis dizer e ao que o texto significa. A carreira do texto subtrai-se ao horizonte finito vivido pelo seu autor. O que o texto significa, interessa agora mais do que o autor quis dizer quando o escreveu.²⁴

O significado do texto está na interação do texto com o leitor. Para Ricoeur, na estrutura dos textos há lacunas e vazios que precisam ser preenchidos pelo leitor. Apesar de o leitor não criar interpretação do nada, ele prossegue dando significado ao texto. O texto tanto limita como expande o seu sentido, ele não só propõe nova interpretação, mas também limita a mensagem.²⁵

A crítica de Vanhoozer que aqui está sendo levada em consideração e que o faz perguntar a partir do título de sua publicação se há significado por uma ótica questionadora diante da pergunta de Fish sobre a existência do texto, dirige-se, parece, ao hermeneuta pós-moderno que lê textos com ceticismo e incredulidade. A leitura pós-moderna pretende antes de entender, destronar, libertar. A verdade do texto morreu, o que vale é a verdade de cada um projetada no texto. Não há absolutos e o autor do texto, como decretam os hermeneutas pós-modernos, morreu. O leitor não precisa mais prender a interpretação do texto à intenção dominadora do autor. O autor do texto não tem liberdade para falar sozinho e o texto, agora, precisa do leitor, não há sentido no texto sem a arte do leitor ou a interação entre leitores.²⁶

Pensando que, nesta pesquisa, os princípios da pregação expositiva são os que mais interessam para seu resgate da pregação bíblica na igreja, foram apresentados exemplos de contraditórios a seus fundamentos, com base na crítica de Vanhoozer à interpretação pós-moderna, prática de pregação bem-marcada na igreja de hoje, levando em consideração não só a vivência, mas as leituras sobre o que tem sido pregar sob a ótica pós-moderna, quando os interesses destes tempos prevalecem.

No entanto, a Pregação Expositiva se contrapõe diretamente aos pensamentos da hermenêutica pós-moderna, uma vez que tem como fundamento interpretativo o método histórico-gramatical que, considerando a Bíblia como a verdade de Deus, a interpreta na busca da intenção do autor divino, como visto no capítulo que trata do referido método.

3. BÍBLIA, VERDADE E PREGAÇÃO: À MARGEM DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO

Apresentamos aqui os princípios fundamentais sobre o conceito teológico de pregar a Palavra de Deus. Pregar é entregar a Palavra de Deus, é crer que Deus fala através da Bíblia. A Bíblia é recheada de ensinamentos sobre a obra da pregação da Palavra de Deus. “E assim, a fé vem pela pregação, e a pregação

²¹ FISH, 1992, p. 194.

²² RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 41.

²³ VANHOOZER, 2005, p. 127.

²⁴ RICOEUR, 2000, p. 41.

²⁵ RICOEUR, 2000, p. 41.

²⁶ VANHOOZER, 2005, p. 224-225.

pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Nesse sentido, pregar a Palavra de Deus não dá ao intérprete o direito de usar a Palavra para produzir significado ou dizer o que pensa. Pergunta-se, então, se é possível, em verdade, uma pregação pós-moderna do evangelho.

A proclamação da palavra é a missão da igreja. É a ordem da grande comissão. As palavras de Jesus são imperativas e, como a ordem de um rei, comanda: “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.16). É a tarefa que Paulo entrega a Timóteo seu aprendiz. “Prega a palavra” (2Tm 4.2). É o propósito do chamado da igreja como diz Pedro:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz (1Pe 2.9).

Em primeiro lugar, faz-se necessário pesquisar sobre o que a Bíblia significa para a igreja como comunidade interpretativa. Segundo os autores da Bíblia, ela é a Palavra de Deus. O apóstolo Paulo expressa com clareza esse pensamento quando escreve que “toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3.16). Seguindo a mesma linha de entendimento, o apóstolo Pedro escreve que “homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito” (2Pe 1.21) e ainda identifica não somente as do Antigo Testamento, mas também as cartas de Paulo como “Escritura” (2Pe 3.15-16). Erickson, relatando como a Bíblia entende sua natureza, afirma que “por todas as Escrituras há uma pressuposição ou até uma afirmação de sua origem divina ou sua equivalência com o discurso real do Senhor”.²⁷ Lidar com a Bíblia é lidar com a questão teológica expressa pelo próprio livro que evoca sobre si autoridade absoluta. Grudem, por sua vez, afirma que “A autoridade das escrituras significa que todas as palavras nas Escrituras são palavras de Deus, de modo que não crer em alguma palavra da Bíblia ou desobedecer a ela é não crer em Deus ou desobedecer a ele”²⁸, Grudem ainda reforça esta verdade apelando para história, lembrando que

através da história da igreja os maiores pregadores foram aqueles que reconheciam que não tinham autoridade em si mesmo e viam as suas tarefas como explicar as palavras das Escrituras e aplicá-las de forma clara a vida de seus ouvintes. A pregação deles extraía seu poder não da proclamação de suas próprias experiências cristãs ou de outros, nem de suas próprias opiniões, ideias criativas ou capacidade retórica, mas sim das palavras de Deus cheias de poder.²⁹

Diante da natureza das Escrituras, é possível se chegar a um conceito de Pregação. Pregar é expor, com fidelidade, a intenção do autor divino, a Palavra de Deus. A pregação bíblica não é pregar sobre a escritura, mas pregar a escritura. É empenhar o seu esforço a ser fiel à mensagem e à forma do texto bíblico para que, ao pregar a palavra de Deus, o texto venha carregado da autoridade do autor Divino, e não do pregador e suas ideias, ainda que pareçam interessantes. Como diz Stott, “expor as escrituras é esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo lhe obedeça”.³⁰ Como pregar a verdade eterna sob o olhar efêmero e momentâneo?

Na verdade, a exposição bíblica não é um método, mas um compromisso; um entendimento do valor e do papel da pregação. Como consequência, esse compromisso se manifesta em um método onde o pregador se apresenta diante do texto bíblico ciente de sua nobre tarefa e de sua responsabilidade de extrair do texto bíblico a mensagem pretendida por Deus, manter seus olhos somente na palavra e posicionar-se diante da congregação para proclamar, afirmar e declarar fielmente aquilo que diz a palavra de Deus. Não é discursar. É expor e proclamar.

Stott, por sua vez, torna-se um dos escritores cristãos mais influentes do seu século e também

²⁷ ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 68.

²⁸ GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. Tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luis A. T. Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 52.

²⁹ GRUDEM, 1999, p. 44,

³⁰ STOTT, John. Uma definição de pregação. In: ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica**. Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroher. São Paulo: Shedd, 2009, p. 26-33, p. 27.

o pregador expositivo mais conhecido do seu tempo. Este se torna um dos grandes defensores da pregação expositiva. Ele conceitua pregação expositiva como:

Toda pregação autêntica é pregação expositiva. Ela se refere ao conteúdo do sermão (verdade bíblica) em lugar de seu estilo (um comentário fluente). Explicar as Escrituras é extrair do texto o que está nele contido e expô-lo. O expositor abre o que parece fechado, torna claro o que é obscuro, desembaraça o que está amarrado e revela o que se encontra empacotado. O oposto da exposição é a ‘imposição’; que significa impor ao texto o que não existe nele.³¹

A pregação expositiva é o método de pregação que surge da consciência de que não se deve pregar sobre a Bíblia, ou sobre princípios que foram tirados da Bíblia, muito menos sobre ideias e conselhos do pregador. A pregação expositiva reivindica que a tarefa do pregador é pregar a Bíblia. Um caminho que começa da leitura da perícopes, passa pela explicação do texto e então se faz aplicações relevantes aos seus ouvintes.

A pregação expositiva é comunicação de um conceito bíblico, derivado de, e transmitido de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, que o Espírito Santo primeiro aplica à personalidade e experiência do pregador, e então, através do pregador, aplica aos ouvintes.³²

Alguns valores são inegociáveis para que uma pregação possa ser considerada pregação bíblica. A primeira verdade é que a Bíblia é a palavra de Deus; que ao expor a Palavra, Deus fala com todo seu poder e autoridade. E não somente a Bíblia é a Palavra de Deus como toda a Bíblia é a Palavra de Deus. E assim, a congregação precisa ser exposta a toda a Bíblia e não somente às passagens prediletas do pastor ou às passagens mais emocionantes, mesmos as mais duras ou as mais difíceis. É necessário, não somente, pregar a Bíblia, mas pregar toda a Bíblia. Pois “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3.16).

Ao reconhecer que a Bíblia é a Palavra de Deus, somente cabe ao pregador entregar a palavra de Deus. Não a sua. Entregar a palavra de Deus como os profetas do Antigo Testamento a entregavam. Os profetas não davam as suas perspectivas. Eles apenas diziam: “Assim diz o Senhor”.

Ou ainda, os pregadores precisam expor as Escrituras segundo o modelo de Esdras que enfatiza a leitura e a explicação. “Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia” (Ne 8.8).

Para pregar a palavra de Deus, o pregador precisa ser fiel a Deus em sua hermenêutica e proclamação. Nesta pesquisa, é necessário usar uma hermenêutica voltada para a intenção do autor. Aceitar o desafio de ir em busca da mente do autor, em um contexto no passado. Traçar um caminho em direção ao significado original do texto. É preciso ultrapassar as barreiras da interpretação de um texto antigo. Barreiras como a diferença de tempo, da língua, da cultura e da geografia. É necessário um trabalho de exegese que reconstrua o entendimento das línguas originais, que analise em detalhes seu contexto, que reconstrua do cenário histórico e cultura. É preciso voltar no tempo e na cosmovisão de outra era. A missão é encontrar significado da mensagem dada por Deus.

Encontrando a mensagem do texto, agora o pregador pode expô-la. Porém de maneira relevante ao mundo contemporâneo. Como esta mensagem se aplica à vida dos homens hoje? Como esta mensagem responde às questões do mundo atual? Pregar expositivamente não é aplicar uma aula de história e cultura hebraica antiga, mas extrair a palavra de Deus, do texto para a vida cotidiana e os conflitos do dia a dia de seu auditório.

A pregação expositiva é o desafio de vencer a tensão entre a mensagem de um texto antigo e as necessidades e questões do mundo contemporâneo. Pregação bíblica leva a duas obrigações. A primeira

³¹ STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003, p. 133.

³² ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica**. Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroher. São Paulo: Shedd, 2009, p. 18.

é de ser fiel ao texto bíblico e a segunda de ser sensível ao mundo atual. Essa é um erro comum entre os pregadores. Por um lado, ser bíblico, mas não contemporâneo e, por outro lado, ser contemporâneo em sua mensagem mas sem fidelidade ao texto bíblico.

4. A ÉTICA DA PREGAÇÃO EM TEMPOS LÍQUIDOS: DA VERDADE PARA A CRIAÇÃO DE SENTIDOS

Muitos pesquisadores têm refletido sobre a situação da pregação em meio a essa era de hermenêuticas líquidas, tal como Bauman discorre sobre os tempos pós-modernos. Será apresentado a seguir como alguns estudiosos têm visto a questão da pregação no tempo presente.³³

A humanidade deve ser encarada como expressão de sua era, é constituído pela força da cultura e do pensamento de seu tempo. A pós-modernidade influencia a todas as áreas da sociedade, até mesmo a igreja é fortemente influenciada e sofre os reflexos do seu tempo. A maneira de ler e pregar a Bíblia no tempo contemporâneo, é uma expressão involuntária da maneira de pensar, sentir e interpretar este tempo de uma sociedade sem verdades absolutas, de consumo e prazer, do aqui e agora, quando a igreja se comporta por meio de valores semelhantes em diferentes manifestações.³⁴

Na pregação, vive-se um tempo em que o sentido se descola da intenção do autor do texto e o pregador vai em busca da nova “revelação” de Deus para aquele texto. Como pensam os hermeneutas pós-modernos desconstrutivistas, aqui também alguns pastores pós-modernos acreditam que o sentido do texto vem de uma interação leitor e texto, porém de maneira mística. Outros ainda, assim como os hermeneutas pragmáticos, usam a Bíblia conforme seus interesses. Desenvolvem seus discursos, seus temas e vão em busca de passagens bíblicas, na maioria das vezes descontextualizadas, para embasar suas ideias, como citado acima.

Esses pastores talvez não tenham lido Derrida (2002), Fish (1992) ou Ricoeur (2000), mas usam a Bíblia conforme princípios similares, como concidadãos de uma mesma era que estabelece condições ideológicas próprias para as práticas de leitura destes dias. A era pós-moderna tem influenciado diretamente a pregação. Descolaram o seu sermão da intenção do Autor Divino. Deixaram de ser expositores para se tornarem artistas; deixaram de apresentar a mensagem para criá-la, ou recriá-la.

Parecem seguir a hermenêutica desconstrutivista, de Derrida, por exemplo a qual rejeita a proposta de fixar o sentido do texto na intenção do autor, antes libertando o sentido e o entregando ao leitor, ficando a cargo de cada um tirar do texto seus sentidos, baseados em seus próprios pressupostos. Ou a seguir os pressupostos da hermenêutica neopragmática, de Fish, conforme já citado, por exemplo, pelo qual o texto deve ser ‘usado’ pelo leitor, de forma que atenda a seus próprios interesses como ferramentas.³⁵

Segundo Lawson a pregação bíblica é um problema contemporâneo na igreja. Púlpitos cheios de mensagens motivacionais, antropocêntricas e carismáticas, mas desconectadas da Palavra de Deus.³⁶ Assim, a pregação no tempo pós-moderno tem sido uma preocupação para teólogos ortodoxos como MacArthur (2015), Lawson (2015), Lopes (2013) e Begg (2014).

Para MacArthur, as pregações deste tempo estão vazias das Escrituras. Como ele afirma, os sermões de hoje “contêm tudo, exceto a coisa principal”, a exposição das Escrituras. Como ele descreve, sermões que não expõe a Bíblia é algo tão recorrente no meio cristão que “[...] se tornou virótico, alcançando níveis pandêmico nas igrejas ao redor do planeta. A evidência parece incontestável”.³⁷

³³ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 31.

³⁴ VANHOOZER, 2005, p. 106.

³⁵ VANHOOZER, 2005, p. 106.

³⁶ LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 20-21.

³⁷ MACARTHUR, John. Apresentação. In: LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. Tradução de Francisco

Para Horton, a pregação das igrejas cristãs evangélicas tornou-se em mensagem de autoajuda, “[...] obcecada por ser prática, relevante, útil, bem-sucedida e até bem apreciada”.³⁸ Ele descreve estes sermões como mensagem de autoajuda com embalagem religiosa e diz ainda que “na maioria das igrejas não há nada que não poderia ser satisfeito pelos inúmeros programas e grupos seculares de autoajuda”.

Por sua vez, Lopes afirma que a pregação bíblica fiel tem se esvaziado dos púlpitos das igrejas do mundo inteiro. Ele, ainda afirma que “[...] muitos pastores, infelizmente, abandonaram o compromisso com a fé verdadeira”.³⁹ Muitos destes, tão dedicados ao Movimento de Crescimento da Igreja⁴⁰, deram exagerada atenção ao crescimento numérico à custa da dedicação à pregação bíblica genuína. Em sua pesquisa sobre a pregação neste tempo, Lopes afirma que

A pregação evangélica deve refletir novas convicções de que a Palavra de Deus é infalível e inerrante. Muitas vezes, isso não acontece. De fato, há uma tendência perceptível no evangelismo contemporâneo de afastar-se da pregação bíblica e desviar-se para uma abordagem centrada na experiência, na pragmática e na pregação tópica no púlpito.⁴¹

Um dos principais desafios da igreja contemporânea, de forma geral, é retomar púlpitos profundos nas Escrituras com sermões bíblicos relevantes; construir novamente uma igreja onde, em meio ao crescimento numérico que se experimenta hoje no Brasil, os membros tenham cultura bíblica.

As pregações próprias destes tempos são antropocêntricas e desfocalizadas da Bíblia.⁴² Em consequência desse desvio de foco, próprio dos tempos líquidos, as pregações atuais dão pouca atenção à Bíblia e muita atenção ao ego humano. A ênfase saiu de como levar a humanidade a agradar a Deus para como levar Deus a agradar aos anseios da humanidade.

Neste tempo de leituras líquidas, sem verdade absoluta, deve-se ler as Escrituras sem essa liquidez, uma vez que a própria Bíblia e a comunidade de fé que a professa, em sua ortodoxia, reconhece-a como a Palavra de Deus. Enquanto a Pós-Modernidade rejeita a verdade como uma questão metafísica inalcançável, a Bíblia advoga para si a representação da verdade absoluta de Deus, como verdade imperativa, norteadora e reveladora da verdade de Deus. Ler a Bíblia como verdade de Deus, na comunidade de fé, só é possível se a leitura for realizada em busca da mensagem proposta pelo autor divino.⁴³

A luz do conceito de pregação expositiva, os pregadores de hoje precisam utilizar uma hermenêutica pela qual ainda se acredite que o sentido do texto está no próprio texto e o pregador precisar ir em busca do sentido proposto pelo Autor Divino, ainda que não se descarte a significância desse sentido para os diferentes leitores em diferentes épocas que compreendeu os sentidos, mas fez a devida aplicação em seu tempo. O pregador, ao expor a palavra, fala a Palavra de Deus a seus ouvintes de maneira significativa para seu tempo, na interação com o mundo, porém fiel ao significado proposto pelo autor.⁴⁴

Para proclamar a Palavra de Deus, o pregador precisa fielmente ir à busca da mensagem original

Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 11.

³⁸ HORTON, Michael. **Cristianismo sem Cristo**: o evangelho alternativo da Igreja atual. Tradução de Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 58-59,118.

³⁹ LOPES, Augustos Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 13.

⁴⁰ Movimento de crescimento de Igreja, é um movimento iniciado por Donald McGavran que surge com a intenção de investigar a natureza, expansão, plantação, multiplicação da igreja, porém duramente criticado pela sua ênfase no pragmatismo (LOPES, Hernades Dias. **Pregação expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo, 2008, p. 213-214).

⁴¹ LOPES, 2008, p. 13.

⁴² BEGG, Alistair. **Pregando para a glória de Deus**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 14.

⁴³ OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 29.

⁴⁴ OSBORNE, 2009, p. 29.

do autor bíblico, de sua intenção e da mensagem transmitida para os ouvintes originais.⁴⁵ A função do pregador não é a de preparar uma mensagem, mas fazer um sermão que exponha a mensagem do texto fielmente. Esse caminho em direção ao significado original do texto leva o pregador a um caminho de erudição e estudo, beneficiando seu ministério e a congregação. É uma reconstrução da cosmovisão vinda da cultura em seu tempo.⁴⁶

Muitos pregadores desta época têm cedido à correnteza de seu tempo, libertando-se da verdade contida no texto e se aventurando em suas próprias significações, mistificando o significado e produzindo sentido em sua experiência de leitura. Muitos pregadores têm se afastado da mensagem divina para ‘usar’ o texto. Tornaram-se pragmáticos. Usam o texto para produzir sentimentos, experiências, para endossar seus planos pessoais.⁴⁷

O pregador é aquele que expõe a verdade que está no texto, sendo assim, por natureza, a tarefa do pregador se inicia na hermenêutica.⁴⁸ A pregação expositiva baseia-se em uma hermenêutica que crê que existe verdade nos textos, que aceita a intenção e propósito original do autor e compreende que pregar é expor a verdade que está no texto sagrado. Este é um grande desafio para os pregadores em um tempo de leituras pós-modernas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste tempo de leituras líquidas, sem verdade absoluta, como ler as Escrituras sem essa liquidez, uma vez que a própria Bíblia e a comunidade de fé que a professa, em sua ortodoxia, reconhece-a como a Palavra de Deus? Enquanto a pós-modernidade rejeita a verdade como uma questão metafísica inalcançável, a Bíblia advoga para si a representação da verdade absoluta de Deus, como verdade imperativa, norteadora e reveladora da verdade de Deus. Ler a Bíblia como verdade de Deus, na comunidade de fé, só é possível se a leitura for realizada em busca da mensagem proposta pelo autor divino.

Uma hermenêutica pela qual ainda se acredita que o sentido que precisa ser descoberto está no texto e não descartamos a significância desses sentidos para o sujeito leitor em outros estágios de leitura, já que pensamos que a Bíblia não se fecha depois de lida. Ela permanece aberta para a vida do leitor, não porque ele criou sentidos para ele, mas porque ele entendeu os sentidos para a aplicação em seu tempo. O leitor pregador é apenas um instrumento e as consequências não são para ele. O pregador ao expor a palavra fala a Palavra de Deus a seus ouvintes de maneira significativa para seu tempo, na interação com o mundo, porém sendo fiel ao significado proposto pelo autor.

Para proclamar a palavra de Deus, o pregador precisa fielmente ir à busca da mensagem original do autor bíblico. Qual sua intenção? Qual a mensagem transmitida para os ouvintes originais? A função do pregador não é o de preparar uma mensagem, mas fazer uma pregação que exponha a mensagem do texto fielmente. Esse caminho em direção ao significado original do texto leva o pregador a um caminho de erudição e estudo beneficiando seu ministério e a congregação. Na busca da intenção do autor, é preciso vencer as barreiras da interpretação de um texto antigo. É uma reconstrução da cosmovisão vinda da cultura em seu tempo. Construindo essa ponte com o passado faz-se a leitura do texto como se fosse o ouvinte original, com os conceitos, cultura, língua e referências do tempo antigo. A cosmovisão contemporânea é fundamental no momento de aplicação da mensagem, mas não pode ser usada no momento de interpretação do texto.

Proclamar a Bíblia como Palavra de Deus produz uma reflexão ética. Se pregar é anunciar a palavra do outro, é preciso ser fiel a seu propósito e mensagem original. Ir à busca da mensagem

⁴⁵ OSBORNE, 2009, p. 29.

⁴⁶ LOPES, 2008, p. 141-145.

⁴⁷ LAWSON, 2015, p. 37-40.

⁴⁸ RICHARD, Ramesh. **Homilética**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 22.

original do autor bíblico. A função do pregador é, antes de tudo, não fazer um discurso pessoal e comovente, mas expor a Palavra. Por outro lado, a exposição bíblica deve levar a uma reflexão ética sobre a ótica da responsabilidade sobre os ouvintes. Diante de uma comunidade que crê em um livro de fé, o ouvinte de um sermão o escuta, ouvindo a Palavra de Deus. O ouvinte do sermão não está em busca das opiniões do mensageiro, mas em busca de saber a mensagem de quem o enviou. É preciso expor o texto com fidelidade diante de Deus e também diante de seus ouvintes.

Os pregadores dessa época têm cedido a correnteza de seu tempo. Libertando-se da verdade do texto e se aventurando em suas próprias significações. Mistificando o significado. Produzindo sentido em sua experiência de leitura. Os pregadores têm se afastado da mensagem divina para ‘usar’ o texto. Tornaram-se pragmáticos. Usando o texto para produzir sentimentos, experiências, para endossar seus planos pessoais.

O uso das Escrituras para a pregação, por mais que esteja em voga, em coadunância com o pensamento da época, não condiz com a natureza e com o propósito da Bíblia e de sua proclamação. Nem tudo o que está sendo é. A Palavra de Deus tem essa natureza: ensinar o que precisa ser, o que precisa continuar sendo. O pregador que procura afinar a Palavra ao discurso de seu tempo pode estar fazendo a igreja de Jesus correr o risco de transformar Deus em recurso de garantia para o consumismo ou para outros valores profanos contemporâneos.

É nesse sentido que consideramos necessária a reflexão sobre a tarefa da proclamação do evangelho e sobre o posicionamento hermenêutico teológico baseado no fundamento da fé cristã. A Bíblia como a Palavra de Deus não existe para o mundo, mas para o acesso ao Reino de Deus.

A hermenêutica líquida da pós-modernidade milita contra a verdade de um texto, mata o autor. Pregadores pós-modernos têm abandonado a Bíblia como verdade e “sem perceber” estão contribuindo com a morte do autor, ou com o projeto da “morte de Deus”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEGG, Alistair. **Pregando para a glória de Deus**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2014.

BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz M. N. da Silva. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FISH, S. Is there a text in this class. Traduzido por Rafael Eugênio Hoyos-Anrade. **Revista Alfa**, v. 36, p. 189-206, 1992.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. Tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luis A. T. Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HORTON, Michael. **Cristianismo sem Cristo: o evangelho alternativo da Igreja atual**. Tradução de Neuza

Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa.** Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015.

LOPES, Augustos Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes.** 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LOPES, Hernades Dias. **Pregação expositiva:** sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo, 2008.

MACARTHUR, John. Apresentação. In: LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa.** Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica:** uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Francisco; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990.

RICHARD, Ramesh. **Homilética.** Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2005.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação:** o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000.

ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica.** Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroher. São Paulo: Shedd, 2009.

STOTT, John. **Eu creio na pregação.** Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

STOTT, John. Uma definição de pregação. In: ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica.** Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroher. São Paulo: Shedd, 2009, p. 26-33.

STOTT, John. **Pregação bíblica:** o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2002.

VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto?** Interpretação Bíblica: os enfoques contemporâneos. Tradução de Álvaro Hattnher. São Paulo: Vida, 2005.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional